



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS  
CURSO DE MUSEOLOGIA**

**DANIELA ALVES DE ARAÚJO**

**OS LUGARES DE MEMÓRIA E A CONEXÃO COM O ACERVO DO MUSEU  
INDÍGENA JENIPAPO-KANINDÉ**

Cachoeira – BA  
2023

DANIELA ALVES DE ARAÚJO

**OS LUGARES DE MEMÓRIA E A CONEXÃO COM O ACERVO DO MUSEU  
INDÍGENA JENIPAPO-KANINDÉ**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Museologia, Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Suzane Tavares de Pinho Pêpe

Cachoeira – BA  
2023

DANIELA ALVES DE ARAÚJO

## OS LUGARES DE MEMÓRIA E A CONEXÃO COM O ACERVO DO MUSEU INDÍGENA JENIPAPO-KANINDÉ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Graduação em Museologia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Aprovada em 30 de maio de 2023.

### **BANCA EXAMINADORA:**

Documento assinado digitalmente  
 SUZANE TAVARES DE PINHO PEPE  
Data: 15/06/2023 20:14:39-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Suzane Tavares de Pinho Pêpe (Orientadora)  
Doutora em Estudos Étnicos e Africanos – Universidade Federal da Bahia  
Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Documento assinado digitalmente  
 PATRICIA VERONICA PEREIRA DOS SANTO  
Data: 07/06/2023 19:29:50-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof.<sup>a</sup> MsC. Patrícia Verônica Pereira dos Santos  
Mestre em História Social pela Universidade Federal da Bahia  
Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Documento assinado digitalmente  
 JUREMA MACHADO DE ANDRADE SOUZA  
Data: 16/06/2023 11:02:41-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jurema Machado de Andrade Souza  
Doutora em Antropologia pela Universidade de Brasília Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

# Sumário

1.	INTRODUÇÃO .....	12
2.	POVO JENIPAPO-KANINDÉ, TERRITÓRIO E CULTURA.....	15
3.	UM OLHAR SOBRE O MUSEU INDÍGENA JENIPAPO-KANINDÉ .....	21
3.1.	A CRIAÇÃO DO MUSEU: “HISTORIANDO JENIPAPO-KANINDÉ” .....	21
3.2.	A CONSOLIDAÇÃO DO MUSEU INDÍGENA JENIPAPO-KANINDÉ .....	27
4.	LUGARES SAGRADOS DE MEMÓRIA NO MUSEU INDÍGENA JENIPAPO-KANINDÉ.....	33
4.1.	O SAGRADO E LUGARES DE MEMÓRIA JENIPAPO-KANINDÉ.....	33
4.2.	MANGUEIRAS DO TIO ODORICO E ENSINAMENTO DOS ANCIÕES DA ALDEIA LAGOA ENCANTADA.....	39
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
6.	REFERÊNCIAS.....	46

## AGRADECIMENTOS

Toda evolução requer mudanças, os aprendizados, lembranças e perdas nos fazem crescer enquanto ser humano. A caminhada acadêmica é árdua e ao mesmo tempo feliz, nos tornando fortes e independentes. Até aqui, nessa longa jornada muitas pessoas foram essenciais para que cada passo pudesse ser dado por mim.

Gostaria de agradecer inicialmente, à minha encantaria, meus guias que sempre me protegeram e todos aqueles que antecederam a mim e me permitiram chegar até aqui. Aos meus guardiões que me tornaram a liderança que sou meu sincero agradecimento, com suas instruções meus passos se fortaleceram.

Agradeço ao meu irmão Daniel e à minha prima Raquel por embarcarem juntos comigo nessa jornada acadêmica; a união e a força de vocês foram essenciais para que eu pudesse chegar até aqui.

À minha amiga, Rute Anacé que ousou encerrar a caminhada acadêmica sozinha e abrir espaço para que vários indígenas do estado do Ceará pudessem ingressar na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

Minha imensa gratidão à minha família materna, que sempre me encorajou a seguir em frente e vencer as adversidades. Agradeço em especial à minha vó (Cacique Pequena) por me proteger mesmo longe e me encorajar a seguir em frente, à minha mãe (Katia) por emanar sua bondade e calmaria nos momentos de aflição, a meu Tio Preá por me incentivar a desbravar a museologia, a meu pai por interceder sempre por minha vida.

Agradeço as minhas tias e tios, em especial à Tia Juliana por sua bravura e mão amiga em cada passo inicial da minha caminhada acadêmica, à Tia Hosana por seu aconchego, à Tia Cláudia (tia Bê) por sua bondade e acolhimento em todas as idas e vindas para casa. Vocês foram importantes para minha permanência na universidade.

A meus primos, Iuri, Iara, Grazielle, Isabele, Carline, Glaubiana, Glaubênia e seu esposo Mateus, á todos da aldeia que torceram para que eu chegasse até aqui, em especial ao Tio Nem (Cleilton), meus primos Hotton e Fábio que me conduziram muitas vezes nas idas e vindas para a aldeia, às minhas amigas Janaína, Clarinha Kanindé, a meus amigos Babim Tremembé, Messias Junior, Anildo e meu padrinho Everton Damasceno.

Minha imensa gratidão à família Baiana que me acolheu, a Seu Erisson, Dona Jaci, Jéssica e Erica, que se tornaram minha segunda família durante esses quatro anos longe de

casa, vocês me ensinaram ainda mais o verdadeiro significado de humildade, amor e aconchego.

Sou muito grata aos amigos que fiz na faculdade, à minha xará Daniela e Fabiano que foram companhia nos vários trabalhos em grupo e conversas nos corredores do CAHL, à Jocilene (Ju) por seu carinho e admiração a minha cultura, a Rickson por ser minha válvula de escape nos vários fins de semestres que enfrentamos juntos. Agradeço também a toda turma de Museologia 2016.1 e assim como vocês falam “nós somos barril dobrado”.

Quero estender meus agradecimentos à minha eterna orientadora Sabrina Damasceno (*in memoriam*) que me cativou desde o primeiro semestre, me fortalecendo com sua sabedoria e me incentivando sempre a ser porta-voz da minha cultura e do meu povo dentro da faculdade.

Sou muito grata ao Coletivo de Estudantes Indígenas na UFRB por cada troca, energia e momentos espirituais vividos com vocês, em especial gostaria de agradecer a meu eterno amigo Benício Pitaguary (*in memoriam*) por ter sido ponte na construção desse coletivo. “cortaram nossas raízes, mas esqueceram que somos sementes”.

A Flávia Xakriabá por seu companheirismo e amizade, à Antônia Kanindé por sua calma e vários cafés durante uma conversa e outra sobre museologia comunitária.

Sou imensamente grata aos guardiões da memória do meu povo, por me permitirem aprender e repassar seus ensinamentos para futuras gerações.

Agradeço à minha querida orientadora Professora Suzane Pinho por toda paciência, ensinamentos e incentivo nessa caminhada. Que a encantaria te proteja sempre.

Minha imensa gratidão a todos que me acolheram na cidade de Cachoeira, à encantaria que sempre esteve ao meu lado através da energia cativante e acolhedora do povo dessa terra. Sobretudo, da energia do rio Paraguaçu que foi meu aconchego e força espiritual em muitos momentos.

No mais, agradeço a todos que compõem o corpo docente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, em especial aos professores do curso de Museologia pelos ensinamentos e trocas de vivências.

A todos, minha eterna gratidão, encerro esse ciclo para que outros possam surgir.

*“Nosso Museu é de Território, nossos lugares sagrados e os nossos guardiões da memória resguardam, assim como o museu, toda nossa história”. (Heraldo Alves – Coordenador do museu Indígena Jenipapo-Kanindé, 2021).*

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Processo de inventário participativo no projeto Historiando Jenipapo-Kanindé	23
Figura 2	Pesquisa com a Guardiã Cacique Pequena	24
Figura 3	Processo de inventário participativo no projeto Historiando Jenipapo-Kanindé	25
Figura 4	Inauguração do Museu Indígena Jenipapo-Kanindé	27
Figura 5	Sala de exposição	28
Figura 6	Certificação dos Guardiões da memória	29
Figura 7	Certificação dos Guardiões da memória	30
Figura 8	Exposição Memória, Lutas e Encantos do Povo Jenipapo-Kanindé	32
Figura 9	Mapa dos Lugares de Memória do Povo Jenipapo-Kanindé	34
Figura 10	Vista da Lagoa Encantada	35
Figura 11	Morro do Urubu	36
Figura 12	Cajueiro Sagrado	37
Figura 13	Ritual no Cajueiro Sagrado	37
Figura 14	V Festa do Mocororó no Cajueiro Sagrado	38
Figura 15	Mangueiras do Tio Odorico	39
Figura 16	Primeiras reuniões com a FUNAI	40
Figura 17	Festa do Marco Vivo de Imburana	41

## RESUMO

O presente trabalho trata da importância dos lugares de memória dentro do território Jenipapo-Kanindé e sua conexão com o acervo do Museu Indígena Jenipapo-Kanindé. Apresentamos, por meio de todo contexto de luta do território e de teóricos, a importância de inclusão dos lugares sagrados no acervo do Museu indígena. Além disso, retrata a conexão espiritual e ancestral que envolve o Museu indígena Jenipapo-Kanindé e as transformações que os lugares de memórias sofreram ao longo dos anos. Deste modo, cinco lugares de memórias são citados nestes escritos: as Mangueiras do Tio Odorico, a Lagoa Encantada, o Morro do Urubu, o Cajueiro Sagrado e o próprio Museu Indígena, dando destaque para as Mangueiras do Tio Odorico, lugar de memória e ancestralidade na luta do povo Jenipapo-Kanindé. Em linhas gerais, por meio de todo estudo desenvolvido nesta pesquisa contextualizamos alguns conceitos literários com a ideologia dos indígenas, dando ênfase aos ensinamentos dos guardiões da memória da comunidade, sobre o lugar sagrado ou lugares de memória.

**Palavras-Chave:** Lugares sagrados. Museu indígena Jenipapo-Kanindé. Guardiões da memória;

## ABSTRACT

The present work deals with the importance of places of memory within the Jenipapo-Kanindé territory and their connection with the collection of the Jenipapo-Kanindé Indigenous Museum. We present, through the whole context of struggle in the territory and theorists, the importance of including sacred places in the collection of the Indigenous Museum. In addition, it portrays the spiritual and ancestral connection that surrounds the Jenipapo-Kanindé Indigenous Museum and the transformations that the places of memories have undergone over the years. In this way, five places of memory are cited in these writings: the Hoses of Tio Odorico, Lagoa Encantada, Morro do Urubu, the Sacred Cashew Tree and the Indigenous Museum itself, highlighting the Hoses of Tio Odorico, a place of memory and ancestry in the struggle of the Jenipapo-Kanindé people. In general terms, throughout the study developed in this research, we contextualized some literary concepts with the ideology of the indigenous people, emphasizing the teachings of the guardians of the community's memory, about the sacred place or places of memory.

**Keywords:** Sacred places. Jenipapo-Kanindé Indigenous Museum. Memory Keepers;

## **LISTA DE SIGLAS:**

**AAMA:** Associação de Amigos do Museu Sacro São José de Ribamar de Aquiraz

**ACITA:** Associação das Comunidades dos Índios Tapeba de Caucaia

**ADELCO:** Associação para Desenvolvimento Local Co-produzido

**AISAN:** Agentes Indígenas de Saneamento

**AIS:** Agente Indígena de Saúde

**AJJK:** Articulação de Juventude Indígena Jenipapo-Kanindé

**AMIJK:** Associação das Mulheres Indígena Jenipapo-Kanindé

**CIJK:** Conselho Indígena Jenipapo-Kanindé

**CLSIJK:** Conselho Local de Saúde Indígena Jenipapo-Kanindé

**FUNAI:** Fundação Nacional dos Povos Indígenas

**IBRAM:** Instituto Brasileiro de Museus

**MIJK:** Museu Indígena Jenipapo-Kanindé

**SIASI:** Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena

**TI:** Terra Indígena

**REDE TUCUM:** Rede Cearense de Turismo Comunitário

**SECULT:** Secretaria da Cultura do Estado do Ceará

**IMOPEC:** Instituto da Memória do Povo Cearense

## 1. INTRODUÇÃO

Com o intuito de compreender e conhecer os lugares de memória do povo Jenipapo-Kanindé no espaço do museu indígena, que descrevo, neste trabalho, o processo de criação do museu indígena, sendo um espaço importante para o fortalecimento na construção da luta do povo indígena. Desta forma, ressalto à relação do povo com seu território e cultura, posteriormente a criação do museu indígena, seus lugares de memória e o protagonismo dos guardiões da memória Jenipapo-Kanindé.

O povo Jenipapo-Kanindé situa-se no município de Aquiraz, distrito de Jacaúna, Região Metropolitana da cidade de Fortaleza-Ceará. Os indígenas vivem às margens da Lagoa Encantada, nome dado à aldeia do povo. Segundo dados do Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena (SIASI-Local) e Associação para Desenvolvimento Local Co-Produzido (ADELCO) a comunidade é habitada por cerca de 409 indígenas, com 200 famílias, vivendo em uma área territorial de 1.731 hectares de terra, demarcada em 2011, conforme portaria nº184, publicada pelo Ministério da Justiça:

A Portaria nº - 184 - Art. 1º Declara de posse permanente do grupo indígena Jenipapo-Kanindé a Terra Indígena LAGOA ENCANTADA com superfície aproximada de 1731 há (um mil setecentos e trinta e um hectares) e perímetro também aproximado de 20 km (vinte quilômetros), (BRASIL, 2011).

O Território indígena Jenipapo-Kanindé é um dos pioneiros do Brasil e do Ceará a ter uma líder mulher. Deste modo, o território é liderado pela Cacique Pequena<sup>1</sup>, uma das primeiras mulheres indígenas a exercer o cargo de cacique em territórios indígenas no Brasil (FREITAS, 2020). Cacique Pequena a cerca de 20 anos lidera o povo indígena Jenipapo-Kanindé, desenvolvendo o crescimento cultural, estrutural e reforçando o reconhecimento étnico do povo indígena.

O presente estudo busca apresentar a importância da espiritualidade, os ensinamentos dos guardiões e de que forma o território é sagrado para o povo Jenipapo-Kanindé. Trago para esse

---

1 **Cacique Pequena** Maria de Lourdes da Conceição Alves, 78 anos. Cacica do povo Jenipapo-Kanindé desde 1995. Guardiã da memória Jenipapo-Kanindé, Mestra da Cultura, reconhecida como Tesouro Vivo do Ceará em 2015, pela Secretaria de Cultura do Ceará – SECULT (grifo nosso).

trabalho o conhecimento dos guardiões da memória e a preservação dos lugares de memória do meu povo. Sendo a Cacique Pequena (minha avó) uma das guardiãs referencia para esse estudo.

Sendo assim, esse trabalho contextualiza a forte ligação espiritual da comunidade indígena com seu território. Segundo Saraiva (2001), o território para os Jenipapo-Kanindé perpassa para além das lembranças das fronteiras do tempo presente, sendo elementos territoriais do passado que fortalecem sua identidade étnica.

Diante disso, como forma de reforçar a conexão espiritual com o território, o povo Jenipapo-Kanindé entende que os lugares de memória tem sempre o que contar, fazendo pensar no passado e no presente, reforçando a conexão espiritual com seus sagrados. Para a etnia alguns espaços que fazem parte do seu território são considerados um lugar de memória. Nesse estudo apresento cinco lugares de memória, sendo: As Mangueiras do Tio Odorico, Morro do urubu, Lagoa Encantada, Cajueiro Sagrado e o Museu Indígena Jenipapo-Kanindé.

Neste trabalho, tenho como objetivo apresentar as vivências dos guardiões nos lugares de memória para assim, contextualizar a participação desses guardiões no movimento indígena da comunidade e sua importância para a construção étnica do povo Jenipapo-Kanindé.

Esta pesquisa surgiu da minha inquietação enquanto jovem liderança de valorizar a espiritualidade dos lugares de memória e o conhecimento dos guardiões da memória da comunidade. Entendendo ser importante dá voz aos guardiões do meu povo. Nesse sentido, essa pesquisa está embasada na metodologia participativa, considerando minha participação ativa enquanto jovem liderança da comunidade estudada.

Utilizo da pesquisa qualitativa, que busca compreender e analisar os dados das ferramentas de análise, no meu caso, utilizei o método de escuta participativa, por meio de conversas informais no cotidiano com lideranças jovens e com anciões (guardiões) da comunidade, momento adequado para que eles pudessem relatar sobre suas vivências na comunidade. A pesquisa, portanto, foi realizada dentro do contexto da minha vivência familiar com os guardiões, que foram avós e tios.

Neste sentido, descrever sobre a história da criação do Museu Indígena Jenipapo-Kanindé é retratar sobre a importância da sua mobilização no processo de reconhecimento desses guardiões da memória e identificação dos lugares de memória possibilitando o fortalecendo da cultura do povo indígena Jenipapo-Kanindé. Tornando assim, o museu um dos lugares de memória e objeto de estudo dessa pesquisa.

O Museu Indígena é uma das fontes de ligação do povo indígena com suas memórias e histórias sagradas, contadas por seus antepassados ou guardiões da memória assim nomeados pela aldeia. Os lugares de memórias são lugares de passagem, onde se podem ver lembranças próximas

ou distantes, como também um lugar de transmissão, onde todos aqueles que morreram têm algo a dizer ou um lugar onde o historiador/pesquisador da voz as memórias daqueles que ali já habitaram.

Diante disso, a pesquisa teve como objetivo apresentar cinco lugares de memórias, a relação espiritual e coletiva desses lugares de memória com alguns anciões (guardiões da memória) da comunidade. Sendo importante ressaltar que os anciões do povo indígena são fundamentais na preservação dessas memórias, história e cultura, e são considerados biblioteca viva deste território.

Enfatizando também a relação de coletividade na partilha do saber ancestral, identificando de que forma o povo indígena mantém preservado os ensinamentos e convivência coletiva com os guardiões da memória e suas conexões espirituais com os lugares de memória.

De modo geral, essa pesquisa destacou como principal lugar de memória as Mangueiras do Tio Odorico, enfatizando sua importância no processo de reconhecimento étnico do povo indígena, bem como relatando os acontecimentos que o tornaram importante para o povo Jenipapo-Kanindé.

Contudo, a pesquisa apresenta qual o pensamento de teóricos sobre lugares de memória e o pensamento dos guardiões da memória do povo Jenipapo-Kanindé sobre o que eles entendem ser um lugar de memória, não deslegitimando nenhuma das opiniões coletadas.

O primeiro capítulo deste trabalho aborda o contexto histórico, político, territorial e cultural do povo Jenipapo-Kanindé, bem como suas mobilizações e formas de organizações locais. Descreve como foi o processo de reconhecimento étnico da comunidade e de que forma o povo indígena contribuiu para a mobilização étnica de outros povos no estado do Ceará, ressaltando a liderança da Cacique Pequena no processo de reconhecimento étnico da etnia. No mais, é apresentada a cultura e festividades locais do povo Jenipapo-Kanindé como forma de preservação étnica da comunidade.

No segundo capítulo é apresentado o Museu Indígena Jenipapo-Kanindé, desde os métodos formativos do projeto Historiando Jenipapo-Kanindé a consolidação física do imóvel do Museu Indígena Jenipapo-Kanindé. Abordando sua importância na construção cultural, étnica e memorial do povo indígena.

O terceiro capítulo trata sobre a importância dos lugares de memória para o povo Jenipapo-Kanindé, apresentando os cinco lugares de memórias e suas conexões com o território e cultura, destacando as Mangueiras do Tio Odorico. No mais, ressalta a importância do conhecimento dos mais velhos (guardiões da memória) para a comunidade, apresentando a ligação espiritual e política dos guardiões com os lugares de memória e com a comunidade.

## 2. POVO JENIPAPO-KANINDÉ, TERRITÓRIO E CULTURA

Os povos indígenas estão em contínuo processo de busca pela garantia de seus direitos enquanto indígenas. A etnia<sup>2</sup> Jenipapo-Kanindé está entre os povos indígenas do Ceará que nas décadas de 1980 a 1990 foram pioneiros na reelaboração da identidade étnica no estado. Dão início a chamada "emergência étnica", junto com os Tapeba, Tremembé e Pitaguary - povos que passaram pelo processo de etnogênese, chamado de modo de reelaboração da identidade étnica desses grupos. (FREITAS, 2015, p. 247).

A etnia carrega em suas raízes ascendência dos grupos Tapuias<sup>3</sup>, Paiacús, Jenipapo e Canindé, os Paiacú que até a década de 1980 habitavam a região dos rios Açú, Apodi, Jaguaribe, Banabuiú e Choró, seguindo a faixa litorânea do Ceará ao Rio Grande do Norte (FREITAS, 2015 apud BEZERRA, 1999, p 251-252). E os Jenipapo e Canindé que viviam às margens dos rios Apodi, Jaguaribe e Choró, grupos que eram conhecidos como os "Tapuias do Nordeste", assim como os indígenas não-Tupis. (BEZERRA, 1999, p. 68).

Os Jenipapo-Kanindé são conhecidos por sempre buscarem morada na faixa litorânea do Ceará, os indígenas da aldeia Lagoa Encantada antes do reconhecimento na década de 1980, viviam migrando entre o Rio Pacoti e o Riacho Saco do marisco, sobrevivendo da pesca no mar e no rio, até se fixarem onde hoje chamam de Lagoa Encantada, sendo a única aldeia do povo Jenipapo-Kanindé.

Com a chegada da civilização e o reconhecimento étnico, o povo Jenipapo-Kanindé começou seu processo de organização. Até os anos 1980, a comunidade era conhecida entre as localidades circunvizinhas pela alcunha de Cabeludos da Encantada, por terem cabelos longos e em formato de cuia, tanto os homens quanto as mulheres. De acordo com Saraiva (2001), em 1980, a comunidade atribui sua afirmação étnica ao público externo, que sempre dizia ser um povo diferente, com costumes diferentes, parecidos com indígenas. A partir dessas atribuições a comunidade começou a se articular e se afirmar na qualidade de grupo étnico.

De acordo com Antunes (2008), o etnônimo Jenipapo-Kanindé foi escolhido a partir do processo de reconhecimento étnico do povo na década de 1980, quando a comunidade recebeu a

---

2 **Etnia** é um campo de existência e cultura, sendo vivido de forma coletivo, por um determinado grupo de indivíduos (BONNEMAISON, 2015, p.96).

3 **Tapuias** Denominação comum dada aos indígenas do Nordeste que não falavam a língua Tupi. Diferentemente destes, falavam a língua travada (BEZERRA, 1999, p.28).

visita da igreja católica, através da Arquidiocese de Fortaleza e de estudantes da Universidade Estadual do Ceará (UECE). A denominação Jenipapo-Kanindé foi apontada como etnônimo para a comunidade pelo advogado José Cordeiro, representante da arquidiocese de Fortaleza na Terra Indígena (TI). Cacique Pequena reforça como foi para a comunidade o processo de reconhecimento étnico.

[...] Essa história de Jenipapo-Kanindé não é só daqui da encantada, é um povo grande aqui no Ceará, é um povo que se formou várias raízes. Ai os estudantes que disseram “o nome de vocês é esse daqui, vocês são índio, vocês são uma aldeia, não devem ter medo, devem enfrentar, porque daqui um tempo vão querer botar vocês daqui pra fora e se vocês se organizarem ninguém bota vocês pra fora” (CACIQUE PEQUENA, 78 anos, 2023).

Contudo, a denominação Jenipapo-Kanindé só foi aceita pela comunidade em 1997 em uma assembleia realizada na aldeia. Mesmo que Jenipapo-Kanindé não tenha sido uma auto identificação dada pelos próprios indígenas, o etnônimo foi aceito, pois faria parte do contexto de organização política e étnica do povo. Logo deu visibilidade à comunidade, junto com a colaboração da Arquidiocese de Fortaleza. (BEZERRA, 1999).

Bezerra entende que a denominação Jenipapo-Kanindé é definida como simbólico por ser "constituído de um elemento diacrítico de sua identidade étnica” e ideológico, “em razão do seu caráter político e situacional” (1999, p.78). Haja vista que foi vinculado ao processo de reconhecimento étnico do povo, tornando público o grupo para a sociedade brasileira, contribuindo para a visibilidade da identidade indígena da comunidade.

O etnônimo Jenipapo-Kanindé carrega a simbologia do Jenipapo e a fé a São Francisco de Assis. Conforme Cacique Pequena, o nome Jenipapo foi escolhido por que era comum encontrar a árvore do jenipapeiro na região na década de 1980 e Kanindé por fazer referência à religiosidade na aldeia, esse nome foi dado por existir uma capelinha em devoção a São Francisco de Assis, e pelo costume de todos os anos os indígenas fazer procissão a cidade de Canindé e realizar novenários para São Francisco de Assis, padroeiro da comunidade.

Na década de 1980, após o reconhecimento étnico, quando a etnia começou a usar o etnônimo e ganhar visibilidade nacional, a comunidade virou alvo de empreendimentos turísticos. Começaram a sofrer conflitos territoriais com a Prefeitura de Aquiraz e posseiros<sup>4</sup>. A prefeitura especulava vender áreas da comunidade para construção de empreendimentos imobiliários da região

---

4 **Posseiros** não indígenas que residem ou tem propriedades dentro de Tis (grifo nosso).

como Aquiraz Resort. Portanto, é direito constitucional aos povos indígenas usufruto exclusivo de suas terras, sendo garantidos na Constituição Federal de 1988 no Art. 231:

Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens (CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988).

Mesmo com a perseguição e promessas, a comunidade não aceitou nenhum acordo da prefeitura para a construção desse empreendimento. Os indígenas já habitavam essas terras desde suas gerações passadas e se identificavam como indígenas pertencentes a este território. Cacique Pequena fala que “nenhum dinheiro do mundo compraria minha paz de morar em um lugar tão lindo e calmo como a encantada, eles me prometeram carro do ano, o melhor apartamento, mais nada disso se compara a mãe natureza” (CACIQUE PEQUENA, 78 anos, 2022).

Segundo Saraiva (2001), a identidade Jenipapo-Kanindé não constitui tão somente uma identificação como um ponto geográfico no mapa, mas com as relações de identidade construídas ao longo dos anos, marcando assim a encantada como um lugar pertencente àquele povo.

O povo Jenipapo-Kanindé desde seus antepassados tinha como líder o Sr. Odorico, que apenas com a chegada dos universitários e pesquisadores, ficou conhecido como cacique Odorico, assim fazendo a identificação da comunidade como indígena. Porém, Odorico só ficou no cacicado até o ano 1992, quando chegou a falecer, ficando a comunidade sem liderança durante três anos. Nessa época, então, a aldeia decidiu escolher um novo representante, nomeando Cacique Pequena, a tornando a primeira mulher indígena a assumir o posto de cacicado no Brasil, dando visibilidade nacional ao povo Jenipapo-Kanindé.

Com a decisão de uma nova liderança para o povo indígena, inicia o processo de mobilização nacional e reconhecimento político da comunidade. Com a ajuda da Pastoral Indigenista, atual Centro de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos (CDPDH) e Sindicato dos Trabalhadores, em 1985 foi criada em parceria com comunidades vizinhas a primeira associação comunitária chamada de Associação comunitária Trairucu, Lagoa Encantada e Tapuio, coordenada por indígenas e não indígenas. A instituição buscava formalizar a autonomia do povo como indígena, além da conscientização étnica da etnia, traçando formas de ações políticas para a comunidade.

Em 1995, o povo Jenipapo-Kanindé se desvinculou da primeira associação e com a aproximação da civilização, a comunidade indígena criou suas próprias organizações interna sendo

o pioneiro o Conselho Indígena Jenipapo-Kanindé (CIJK) criado em 1999 e Associação das Mulheres Indígena Jenipapo-Kanindé (AMIJK) criada em 2002, os demais foram criados no processo de organização do povo como: Conselho Local de Saúde Indígena Jenipapo-Kanindé (CLSIJK), Conselho de Pais e Mestres da Escola Indígena Jenipapo-Kanindé e a Articulação da Juventude Jenipapo-Kanindé (AJIJK). Estas organizações internas do povo que realizam atividades políticas em busca de estratégias para melhoria e garantia dos direitos comunitários da aldeia, articulando-se mensalmente em reuniões e assembleias.

Com a criação destas instituições internas e a liderança da Cacique Pequena, os Jenipapo-Kanindé têm como fonte de sobrevivência atividades econômicas desenvolvidas dentro do próprio território em estabelecimentos comerciais, cargos de professores, vigilantes, secretários, diretores, técnicas de enfermagem, motorista, recepcionistas, AISAN e ACS, monitores no Museu Indígena Jenipapo-Kanindé e guia turístico no Turismo Comunitário. Além da subsistência e produção econômica gerada pela agricultura familiar, que é uma das maiores fontes econômicas de famílias da comunidade.

Como grande precursora e geradora de alimentos durante décadas para o povo Jenipapo-Kanindé, a Lagoa Encantada, que deu origem à única aldeia da TI, tem importante função nas atividades econômicas, sociais e culturais da comunidade. Um dos lugares de memória da aldeia; a lagoa guarda lendas e mitos que compõem a trajetória do povo Jenipapo-Kanindé.

De acordo com os indígenas, nas noites de natal, aparece um navio banhado de ouro com uma banda de música na lagoa; contam também o mito do pescador que saiu para pegar água na lagoa e arrou um homem em corpo de peixe, sobre as bolas de fogo que descem o Morro do Urubu e vão para a lagoa; e a sereia que encanta moradores nas margens da lagoa, esses são alguns dos mitos que compõem a história da aldeia e da lagoa.

A mesma Lagoa que, em 2010, sofre forte impacto ambiental, por ação da empresa Moinho Dias Branco S.A ou Agroindústria Ypióca, fabricante de papelão e bebida alcoólica. A empresa poluiu as águas da Lagoa Encantada com uma substância química chamada vinhoto, como resultado dessa poluição teve o aumento da matéria orgânica na lagoa, o que contribuiu com o surgimento de algumas espécies de plantas aquáticas não existentes no território, como a vitória-régia (*Nymphaea caerulea*) que é uma planta difícil de ser retirada da água e uma vez que brotou se espalhou por toda a lagoa e o Água pé (*Eichhornia crassipes*) que também se espalhou na lagoa. Essa poluição provocou grande mortandade de várias espécies de peixes, causando baixo rendimento na pesca e economia das famílias que tinham a lagoa como sua principal fonte de renda e sobrevivência alimentar.

A empresa é um dos maiores posseiros da comunidade, pois além da poluição, fazia retirada ilegal de água da lagoa para irrigação de plantação de cana de açúcar nas proximidades da TI, através de uma bomba hidráulica instalada dentro da TI Lagoa Encantada. Depois de vários processos judiciais o povo Jenipapo-Kanindé ganhou causa e conseguiu a retirada do equipamento de seu território. Porém, ainda sofre com a retirada ilegal de água da lagoa.

Esse processo de luta com a empresa Ypióca levou a comunidade a criar sua primeira área de retomada<sup>5</sup> como tentativa de impedir que a empresa entrasse ilegalmente no território, segundo Cacique Jurema (Conceição) essa área da TI seria utilizada pela empresa para criação de uma fazenda, dando total acesso dos não indígenas à comunidade. Desse modo, Cacique Jurema com a ajuda da comunidade e de outros povos que estavam na aldeia, decidiu levar sua família para morar no local, que é chamado pela etnia de extrema da TI, por ser um dos pontos finais dos 1.731 hectares de terra do povo Jenipapo-Kanindé. Em 2021, fizeram 20 anos que Cacique Jurema vive na área de retomada com quatro de seus sete filhos.

Vale ressaltar que o direito à terra é uma das maiores lutas dos povos indígenas. Para os Jenipapo-Kanindé, a luta pelo território é a mãe de toda a luta, a mãe de toda a aldeia. Falar de território para o povo Jenipapo-Kanindé vai para além do solo, além do meio de subsistência, o território é ancestral, é morada de seus antepassados. A terra “representa o suporte da vida social e está diretamente ligada ao sistema de crenças e conhecimento. Não é apenas um recurso natural, mas – é tão importante quanto este – um recurso sociocultural” (RAMOS, 1988 apud KOLLING e SILVESTRI, 2019, p. 213).

Cacique Pequena, na letra de sua canção, “O índio é natureza” fala da importância do território para seu povo e da conexão com a cultura da comunidade:

O índio é natureza, o índio é água viva (Bis)  
 O índio ele existe, ele é de resistir (Bis)  
 Na mata trabalha o índio, ele trabalha no chão (Bis)  
 Na santa terra trabalha, para ele tirar seu pão (Bis)  
 Os índios estando juntos por suas terras lutar (Bis)  
 Suas terras demarcadas e também homologadas  
 Suas terras demarcadas e também desintrusadas  
 Suas terras demarcadas e também registradas  
 Não podemos aceitar esse tipo destruidor (Bis)  
 Que veio para destruir o nosso grande tesouro (Bis)  
 O nosso grande tesouro é nossa santa mãe terra (Bis)  
 É dela que nós precisa, é dela que nós convive (Bis)  
 É dela que nós precisa, sem ela não somos nada (Bis)

---

5 **Retomada** área do território indígena que estava sendo invadida pelo não indígena (grifo nosso).

Somos que nem uns peixinhos, nadando fora da água (Bis)  
(CACIQUE PEQUENA, V.1, 2015).

A relação cultural da comunidade com o território constitui-se de um sistema de troca, do cuidar para o cuidado, preservam o solo que alimenta o corpo e o espírito de um povo. Bonnemaïson (2015) interliga o território à etnia, espaço cujo grupo expressa suas práticas culturais, ligadas à civilização por meio da expressão política, “sem etnia bem delineada, não pode existir cultura nem visão cultural” (BONNEMAISON, 2015, p.93).

Conforme Saraiva (2001), a cultura Jenipapo-Kanindé não pode ser compreendida apenas ao sentido objetivista do vestir, falar ou a forma de se abrigar etc. Deve ser compreendida como próprias, os indígenas “dispensam a instrumentalização de suas idiossincrasias que possa evidenciá-los como tais” (SARAIVA, 2001, p. 21).

A cultura Jenipapo-Kanindé baseia-se em seus mitos, lendas, danças e festejos. Tendo o território como elemento principal da maior manifestação cultural do povo indígena com a Festa do Marco Vivo, que acontece todos os anos, desde 9 de Abril 1999, data que marca a delimitação da TI Lagoa Encantada. A comunidade festeja o dia dançando toré<sup>6</sup> ao redor do tronco da planta Umburana, árvore escolhida para festejo por reflorescer mesmo que cortada, assim como o povo Jenipapo-Kanindé, que continua lutando pela garantia do seu território.

Segundo Bonnemaïson (2015), em termos de espaço, a cultura não pode ser separada da ideia de território, o território só se cria pela existência da cultura “e é por ele que se fortalece e se exprime a relação simbólica entre a cultura e o espaço” (BONNEMAISON, 2015, p. 101-102). Os Jenipapos fortalecem sua cultura, utilizando a conexão espiritual com os lugares sagrados, que são partes do seu território. Espaços que no terceiro capítulo serão apresentados com mais detalhes.

Em linhas gerais, remeter sobre a representatividade dos lugares de memória para o povo Jenipapo-Kanindé traz toda simbologia ancestral que demarca a resistência do povo. É neste sentido, que o povo assimila os lugares de memória com museu de território, pois cada espaço demarcou e demarca o contexto histórico das lutas, das manifestações culturais e ancestrais que até hoje são marcantes para a comunidade.

---

6 **Toré** – Ritual sagrado para os povos Indígenas, uma dança feita em círculo, utilizando tambor e maracas (objeto musical), momento no qual os povos indígenas dançam e cantam para o fortalecimento espiritual, pedindo forças aos espíritos encantados das águas e das matas (grifo nosso).

### 3. UM OLHAR SOBRE O MUSEU INDÍGENA JENIPAPO-KANINDÉ

#### 3.1.A CRIAÇÃO DO MUSEU: “HISTORIANDO JENIPAPO-KANINDÉ”

O Museu Indígena Jenipapo-Kanindé (MIJK) é um espaço de representação da cultura, costumes e crenças do povo indígena Jenipapo-Kanindé, situada na aldeia Lagoa Encantada, Aquiraz-CE. O espaço do museu é onde tem fortalecido a preservação das memórias materiais e imateriais, se tornando espaço de afirmação étnica e política do povo indígena.

Para Gomes e Vieira Neto (2009), até pouco tempo, a ação dos grupos indígenas como protagonistas da sua história estava silenciada na historiografia e, sobretudo, nos museus históricos tradicionais, espaços entendidos como propícios à legitimação de uma “história oficial” dos grupos dominantes.

Entretanto, como espaço de protagonismo da história do povo Jenipapo-Kanindé, o MIJK apresenta em seu acervo, objetos representativos do cotidiano e modo de vida dos antepassados do povo Jenipapo-Kanindé. Com isso, o museu foi formado a partir da iniciativa da Cacique Pequena, líder do povo indígena Jenipapo-Kanindé, que sonhava em construir um espaço, no qual o povo indígena pudesse manter preservados os costumes, memórias e crenças dos seus antepassados e sua história.

Meu sonho era ter um espaço pra gente guardar os objetos que, muitas vezes, nós jogamos no lixo, por não saber que aquilo servia para mostrar nossa cultura e pro pessoal de fora ver que ali sempre existiu índio. Eu me juntei com os alunos da escola e o Preazinho. Como nós tinha a escola velha sem ser usada, eu disse que nós ia usar umas salas da escola e fazer o museu, e assim fizemos, andamos nas casas, juntamos os objetos e fizemos o museu com a ajuda do João Paulo e do Alexandre. (CACIQUE PEQUENA, 78 anos, 2022).

Os territórios indígenas são “vistos como patrimônio que também devem ser preservados, assim como seus saberes e modos de fazer”. Preservar o ambiente em que se habita, faz com que os povos indígenas vivam em um “território musealizado” (GOMES; VIEIRA NETO, 2009, p.27). Os museus indígenas estão sendo criados com esse propósito, musealizar e salvaguardar seus conhecimentos, suas histórias e ensinamentos para as novas gerações.

Nesse sentido, os historiadores Gomes e Vieira Neto começaram a desenvolver trabalho de pesquisa com o povo Jenipapo-Kanindé, sendo mediadores no diálogo entre a comunidade, Museu do Ceará, Associação de Amigos do Museu Sacro São José de Ribamar de Aquiraz (AAMA), Secretária de Cultura de Aquiraz e Associação das Mulheres Indígenas Jenipapo-Kanindé (AMIJK).

Como resultado dessa aproximação do povo Jenipapo-Kanindé com os espaços culturais do município, culminou na participação da aldeia nas atividades da Semana do Índio, realizado em

homenagem ao Dia do Índio, de 19 a 22 de abril de 2010, promovida pelo Museu São José de Ribamar. Onde foram realizadas apresentações culturais, mesas redondas sobre a temática indígena e uma exposição colaborativa intitulada De Cabeludos da Encantada a índios Jenipapo-Kanindé: cultura, memória e organização étnica no Ceará contemporâneo.

Vale ressaltar, que a exposição foi um importante passo para trajetória organizacional do MIJK, pois foi o momento em que a comunidade teve o primeiro contato com a museologia de forma mais prática, pois, foram os próprios indígenas que tiveram a autonomia de fazer a coleta dos objetos e levantar dados para a exposição. Desse primeiro contato com o campo museológico, surgiram novas ideias para realização do seu próprio espaço cultural dentro da comunidade, realizando o sonho da Cacique Pequena em implantar um museu na aldeia. Ademais, após a finalização da exposição De Cabeludos da Encantada a índios Jenipapo-Kanindé: cultura, memória e organização étnica no Ceará contemporâneo, os objetos foram devolvidos à aldeia, tornando acervo do Museu Indígena Jenipapo-Kanindé.

Com a iniciativa de construir o MIJK, entre junho de 2009 a julho de 2010, os historiadores João Paulo Vieira Neto<sup>7</sup> e Alexandre Oliveira Gomes<sup>8</sup> coordenaram as atividades do projeto “Historiando”, (Figura 01), desenvolvido pela Rede Tucum em comunidades da zona costeira do Estado do Ceará, que fazem parte da Rede de Turismo Comunitário. As ações do projeto foram promovidas pela Rede Tucum, Instituto Terramar e Projeto Historiando, instituições que trabalham com o turismo de base comunitária. Esta rede já desenvolvia trabalho com o turismo de base comunitária dentro da TI Lagoa Encantada.

---

7 **João Paulo Vieira Neto** Doutorado em Filosofia, Historiador e Mestre em Preservação do Patrimônio Cultural (IPHAN). Atualmente é Assessor da Rede Indígena de Memória e Museologia Social e do Instituto Cobra Azul de arqueologia e Patrimônio (<http://lattes.cnpq.br/5651365091491667> acesso em 28 de fev. 2023).

8 **Alexandre Oliveira Gomes** Graduado em História (UFC), Mestre e Doutor em Antropologia pelo PPGA/UFPE, Professor do Departamento de Antropologia e Museologia da Universidade Federal de Pernambuco (<https://www.escarador.com/sobre/7052242/alexandre-oliveira-gomes> acesso em 28 fev. 2023).



**Figura 01** – Processo de inventário participativo no projeto Historiando Jenipapo-Kanindé. Autor: João Paulo, 2009.

Cabe salientar, que os historiadores Alexandre Gomes e João Paulo Vieira Neto antes de realizar o trabalho do historiando com o povo Jenipapo-Kanindé já haviam desenvolvido trabalhos em museus indígenas, trabalhando com atividades sobre museologia comunitária, ações museológicas e patrimônio cultural. Além de experiências colaborativas na Oca da Memória do povo Kalabaça e Tabajara (Poranga-Ce), onde já desenvolviam atividades para o projeto Historiando. Além de coordenarem oficinas para realização de diagnósticos participativas, no Museu Kanindé do povo Kanindé (Aratuba-Ce), e no Memorial Cacique Perna-de-pau do povo Tapeba (Caucaia-Ce), atividades realizadas como parte do “Projeto Emergência Étnica, promovido pela SECULT, IMOPEC e Museu do Ceará, em 2009” (GOME, VIEIRA NETO, 2009, p. 19). Essas experiências serviram de exemplo para apresentar ao povo Jenipapo-Kanindé, que já existiam museus indígenas que vivenciavam a mesma realidade cultural e histórica, desenvolvendo a museologia comunitária em seus territórios.

Com isso, Gomes e Vieira Neto realizou um inventário participativo junto ao povo Jenipapo-Kanindé, no contexto do processo de capacitação do Projeto Historiando. Mesmo o povo indígena já tendo contato com museus e exposições acima citada a cima, ainda sim se encontravam em processo de aprendizagem. Os historiadores desenvolveram atividades com linguagem condizente com a realidade da aldeia, usando como peça do acervo o território, espaços intitulados como lugares de memória e os guardiões da memória Jenipapo-Kanindé. (Figura 02).



**Figura 02** – Pesquisa com a guardiã Cacique Pequena. Autor: João Paulo, 2009.

Tendo em vista, que seriam os próprios indígenas que montariam a exposição, foram respeitados seus conhecimentos e ensinamentos e sua importância no MIJK, espaço de representação das memórias e vivências do povo Indígena Jenipapo-Kanindé, interligadas aos ensinamentos e memórias contados pelos anciãos da comunidade, que também fazem parte do acervo dentro dessa teia de compartilhamento de histórias que é o museu.

O projeto Historiando Jenipapo-Kanindé teve duração de um ano na comunidade, entre julho de 2009 a julho de 2010. Teve como objetivo capacitar jovens e adultos da aldeia, com temas sobre museologia comunitária, patrimônio cultural e coletas de objetos. Nessa capacitação, participaram ativamente 25 indígenas, entre lideranças e jovens, entre eles: Alan Alves, Carline Alves, Dalila de Souza, Daniel Alves, Daniela Alves, Danilza Soares, Danubia Soares, Deisiane Alves, Eliane Alves, Erasmo Soares, Fábio Alves, Francisco de Assis, Glaubenia Alves, João Batista Alves, Juliana Alves, Leidiane Alves, Lidiane Alves Sabino, Liziane Gonçalves, Maria de Lourdes, Raimundo Sabino, Tailane de Souza, Raniele Nepomuceno, Raquel Alves, Valdisia Costa, Viviane Sabino. (Figura 03).



**Figura 03** - Processo de inventário participativo no projeto Historiando Jenipapo-Kanindé Autor: João Paulo, 2009.

As capacitações eram realizadas mensalmente, em casas de moradores da aldeia. Logo, com a aproximação da inauguração do espaço físico, os encontros ocorreram semanalmente. Para execução das atividades do projeto, foram criados quatro grupos de trabalho, sendo divididos em: coleta de objetos, história do povo, história dos guardiões e fotografia.

Todos os objetos coletados em campo foram expostos, tendo em vista que todos representam a história do povo Jenipapo-Kanindé. Não sendo usado nenhum método de escolha, logo que os objetos que foram doados estavam em ótimo estado de conservação, por serem objetos que os indígenas guardavam como lembrança de algum antepassado ou eram de uso cotidiano da família.

A capacitação fez com que os próprios indígenas pudessem criar um espaço de memória dentro da comunidade apresentando suas perspectivas e visões sobre o patrimônio cultural da aldeia. Cabe ressaltar que, por ser um museu construído e idealizado pelos indígenas e de forma coletiva, o MIJK é considerado um museu comunitário, um espaço coletivo, feito na aldeia para a aldeia. “Um museu “normal” tem um objetivo oficial: servir ao conhecimento e à cultura. Um museu comunitário tem outro objetivo: servir à comunidade e ao seu desenvolvimento” (VARINE, 2014, p. 26).

O MIJK é um processo em construção, de aprendizado e salvaguarda. Espaço que, além de suas quatro paredes, têm seu território como acervo, principalmente seus lugares sagrados. Estando em contínua transmissão da história do povo Jenipapo-Kanindé.

O museu de comunidade é mais bem descrito como um processo. Ele certamente não é uma instituição ou uma estrutura acabada. É um ser vivo, como a própria comunidade, em constante movimento para se adaptar às mudanças que acontecem nela e em seu ambiente, seja ela regional, nacional ou global. (VARINE, 2014, p. 29).

Essa adaptação e mudanças que o autor Varine (2014) destaca, acontece bastante em museus indígenas a partir do momento em que os objetos expostos no acervo, são os mesmos utilizados pelos indígenas em rituais ou manifestos. Sem perder sua importância e originalidade no ato da utilização e exposição fora do acervo.

O MIJK objetiva expor ao visitante sua realidade, levar o conhecimento e a ciência da natureza para dentro do museu, mas também levar o visitante para o território. Os visitantes têm a oportunidade de conhecer mais de perto o cotidiano da comunidade, com vivências nos lugares sagrados e de memória, visitas aos guardiões da memória e realizar trilhas ecológicas. Tais atividades são desenvolvidas para que o visitante tenha um contato direto com aldeia.

### 3.2.A CONSOLIDAÇÃO DO MUSEU INDÍGENA JENIPAPO-KANINDÉ

O Museu Indígena Jenipapo-Kanindé (MIJK) foi inaugurado em 3 de setembro de 2010. (Figura 04). A cerimônia de inauguração do Museu Indígena contou com a presença da comunidade, que iniciou a noite realizando a abertura com o toré ao som de tambor, maracas e cantos, momento de fortalecimento espiritual para o povo. Na ocasião, também estavam presentes a cacique, pajé e apoiadores da causa indígena, bem como os anciões (guardiões da memória) da aldeia.



**Figura 04** – Inauguração do Museu Indígena Jenipapo-Kanindé Autor: João Paulo, 2010.

A sede física do MIJK foi montada em duas salas da antiga escola da comunidade. Em um prédio dos anos 90, construído de alvenaria pelos indígenas. De 2010 a 2013, a exposição foi montada nessas duas salas, totalizando 97 peças no acervo, divididos em seis módulos, a saber: Pesquisando nossa História e Patrimônio Cultural, Historiando Jenipapo-Kanindé, Saberes e Modos de Fazer, Lugares de Memória, Manifestações Culturais, Histórias e Lendas. (Figura 05).



**Figura 05** – Sala de exposição. Autor: João Paulo, 2010.

A exposição do museu indígena além dos objetos colhidos durante o projeto Historiando, também conta com os objetos que faziam parte da “Exposição: De cabeludos da Encantada a Índios Jenipapo-Kanindé: cultura, memória e organização étnica no Ceará contemporâneo” (GOMES, 2019, p. 571), exposta no Museu Sacro São José de Ribamar (Aquiraz-CE), acervo composto por adornos, plumárias, vestimentas, instrumentos musicais, utensílios domésticos, fotografias e artefatos do povo Jenipapo-Kanindé.

No ano de 2013 o MIJK em parceria com a Associação das Mulheres Indígenas Jenipapo-Kanindé (AMIJK) e Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) desenvolveram como parte das atividades do Prêmio Ponto de Memória, a remontagem da exposição em uma única sala. Essa junção se deu pela criação da Pousada Indígena Jenipapo-Kanindé no mesmo prédio que abriga o museu indígena.

Nesse período, por ser um espaço menor e que não abrigaria todo o acervo, a coordenação decidiu reelaborar a exposição, que foi montada com apenas cinco módulos, sendo eles: Pesquisando nossa História e Patrimônio Cultural, Historiando os Jenipapo-Kanindé, Saberes e Modos de Fazer, Lugares de Memória e Manifestações Culturais. Unificando algumas peças do módulo Histórias e Lendas com Pesquisando nossa História e Patrimônio Cultural.

Com a criação do museu, considerado pela comunidade como um espaço de memórias e trocas, o povo Jenipapo-Kanindé abriu espaço de fala para os anciões da aldeia, destacando a importância dos seus ensinamentos para as futuras gerações. Com isso, como forma de homenageá-

los, MIJK em sua inauguração escolheu 16 anciões da aldeia para receberem o certificado de guardiões da memória do povo Jenipapo-Kanindé, “os guardiões da memória coletiva, os “trancos velhos”, podem narrar, para as novas gerações, suas lembranças e conhecimentos, a partir da cultura material e simbólica” (GOMES; VIEIRA NETO, 2009, p. 48).

Foram certificados o Senhor Francisco Jorge, Francisco Alves Filho, Francisco Maciel, Francisca Costa, Joaquim Alves, Luíza Lopes, Luiz Nonato, Manoel Alves, Maria de Lourdes da Conceição Alves, Maria Luíza, Maria da Costa, Maria de Fátima, Maria Eunice (*In memoriam*), Luiz Simplício (*In memoriam*), Maria Eunice Dantas (*In memoriam*). (Figura 06 - 07). Para o povo Jenipapo-Kanindé, esses guardiões são considerados o pilar principal da construção histórica do povo indígena. Para Heraldo (Preá), “nossos trancos velhos tem uma grande importância, eles guardam na memória a história do nosso povo, eles ajudaram e ajudam muito, por isso damos a eles o título de guardiões da memória, porque é um pessoal muito sábio” (HERALDO ALVES, 48 anos, 2022). É através da força do conhecimento que os guardiões passam para a aldeia que as futuras gerações de lideranças são formadas.



**Figura 06** – Certificação dos Guardiões da Memória. Autor: João Paulo, 2010.



**Figura 07:** Certificação dos Guardiões da Memória. Autor: João Paulo, 2010.

Os guardiões da memória do povo Jenipapo-Kanindé fazem parte do acervo exposto no espaço físico do MIJK, sendo os principais transmissores do conhecimento histórico da etnia. Deste modo, é importante destacar que a comunidade espelhasse a luta coletiva desses guardiões, sendo o principal eixo mobilizador da etnia, tendo em vista, que a coletividade tem como base a união e reconhecimento histórico que o povo indígena possui, sendo através do saber coletivo, que os guardiões da aldeia compartilham as memórias e histórias vividas.

Dialogando sobre sua cultura e conhecendo sua história através da oralidade repassada pelos guardiões, o museu é um local de inclusão no aprendizado das crianças indígenas Jenipapo-Kanindé "Os museus indígenas configuram-se como espaços propícios para a educação diferenciada não-formal" (GOMES; VIEIRA NETO, 2009, p. 47). E em parceria com a Escola Indígena o museu desenvolve atividades de ação educativa, mantendo seus costumes e crenças presente no cotidiano escolar dessas crianças.

Desse modo, as atividades realizadas incluem o aprendizado cultural como disciplina em sala de aula, estimulando as crianças a conhecer sua cultura desde a infância. Em conversa o coordenador do MIJK, Heraldo (Preá) a criação do museu é muito importante para a educação e escola "os professores levar os alunos lá e a gente apresentar nossa cultura através do museu é muito importante, e também o próprio povo ir visitar o museu, eu vejo hoje o museu como uma porta de saída para a escola Jenipapo-Kanindé" (HERALDO ALVES, 48 anos, 2022).

Como forma de união e partilha desse conhecimento, o museu realiza mensalmente ou semanalmente rodas de conversas com os guardiões da memória (anciões) no espaço do Museu Indígena ou nos lugares de memória (lugares sagrados), que são para além do espaço museal. As rodas de conversa são mediadas pela coordenação do museu ou monitores, que são os próprios indígenas da aldeia. Assim, a comunidade dialoga sobre a importância e o respeito com a cultura, luta coletiva e os lugares sagrados.

As rodas de conversas com os guardiões da memória acontecem com o objetivo dos mais velhos da aldeia compartilhar com seu povo seus ensinamentos e vivências, assim, repassam e perpetuam a história do povo Jenipapo-Kanindé para as atuais e futuras gerações, com intuito de manter viva a história de luta do seu povo e suas práticas culturais.

Essa transmissão da sabedoria ancestral por intermédio dos anciões (guardiões da memória) é uma ferramenta de valorização dos saberes e memórias que o povo Jenipapo-Kanindé encontrou para salvaguardar esses conhecimentos. Sobretudo, ao dar lugar de fala e visibilidade para aqueles que são protagonistas da história, que vivenciam os mitos, as lendas e as lutas de seu povo.

Segundo Bosi, os velhos são fontes de ensinamento da cultura. Seres que preservam o passado, nos preparando para o presente “o velho vive sempre como se todo dia fosse o último” (1979, p. 19). O ato de escutar dos guardiões as histórias é esperança para as novas gerações do povo Jenipapo-Kanindé, pois, os mais velhos são peça fundamental na história da comunidade, por repassarem seus conhecimentos.

O Museu Indígena Jenipapo-Kanindé enuncia para a comunidade e visitantes que para além da objetificação do acervo tradicional é importante dar voz àqueles que são transmissores do conhecimento do seu povo. Uma forma de não deixar a cultura e tradição do povo Jenipapo-Kanindé se perder, pois cada ancião que a aldeia perde parte da história do seu povo, ele leva.

Até o ano de 2021 o MIJK abrigava uma exposição permanente, respeitando a identidade e características adotadas pelos museus indígenas: “não um museu sobre os índios, mas dos índios” (VIDAL, 2008, p. 3 apud GOMES; VIEIRA NETO, 2009, p. 32). Museus idealizados e construídos pelos próprios indígenas, comportando suas especificidades culturais. “Os museus indígenas afirmam o que muitos querem negar: a existência de índios no Ceará, que nunca foi interrompida, apenas silenciada” (GOMES; VIEIRA NETO; 2009 p. 49). O MIJK afirma sua existência e resistência enquanto museu indígena, sendo transmissor da história do povo Jenipapo-Kanindé.

Com o processo de modernização do espaço do MIJK em julho de 2021, o museu foi contemplado com o Projeto Potencializando e dando Acessibilidade aos Lugares de Memória do Museu Indígena Jenipapo-Kanindé, que tinha como foco a reestrutura do acervo do MIJK criando acessibilidade para o público visitante, como também tornar acessíveis duas trilhas aos lugares de

memória. O projeto contou com a participação de doze jovens da aldeia, que desenvolveram um novo inventário participativo, remontagem da exposição com inclusão de acessibilidade no acervo.

A nova exposição reinaugurada em agosto de 2021 foi nomeada como: Memórias, Lutas e Encantos do Povo Jenipapo-Kanindé, dividida em cinco módulos, a saber: História do Povo Jenipapo-Kanindé, Guardiões da Memória, Lugares de Memória, Saberes e Modos de Fazer e Manifestações Culturais. Totalizando 122 objetos, entre fotografias, artesanatos, instrumentos musicais, artefatos, utensílios domésticos e de uso pessoal, bibliografias e recortes de jornais. (Figura 08).



**Figura 08** - Exposição Memórias, Lutas e Encantos do Povo Jenipapo-Kanindé. Autor: autoral, 2023.

Em linhas gerais, atualmente o Museu Indígena Jenipapo-Kanindé é formado por sua quarta geração de educadores no Núcleo Educativo do Museu, núcleo esse que visa capacitar crianças e jovens da aldeia, dialogando assuntos sobre museologia comunitária e patrimônio cultural, como também reforçando a importância dos saberes repassado pelos guardiões da memória e lideranças tradicionais.

O processo de contato dos povos indígenas do Brasil com a museologia resultou, no ano de 2014, na criação da Rede Indígena de Memória e Museologia Social - rede de apoio às mobilizações e processos museológicos desenvolvidos em territórios indígenas de todo o Brasil. A Rede é um coletivo formado por vários povos e iniciativas museológicas, que vem desenvolvendo, intercâmbios, encontros, fóruns e ações de fomento a museus indígenas em todo o Brasil.

## **4. LUGARES SAGRADOS DE MEMÓRIA NO MUSEU INDÍGENA JENIPAPO-KANINDÉ**

### **4.1.O SAGRADO E LUGARES DE MEMÓRIA JENIPAPO-KANINDÉ**

Os Lugares de Memória representam os espaços de luta e espiritualidade para o Povo Jenipapo-Kanindé, são nestes lugares que se preservam os saberes, mitos, vivências e memórias deste povo. Estes espaços possuem a simbologia deste nome por terem sido locais importantes na construção coletiva da luta pela demarcação da terra e fortalecimento espiritual da comunidade. Desde modo, os lugares de memória destacados no Museu Indígena Jenipapo-Kanindé (MIJK), são as Mangueiras do Tio Odorico, a Lagoa Encantada, o Morro do Urubu, a Praia do Marisco etc. Espaços estes que marcaram a história, formação política, cultural e espiritual do povo Jenipapo-Kanindé. Não deixando de valorizar outros espaços marcantes para a história do povo Jenipapo-Kanindé (ACERVO MIJK).

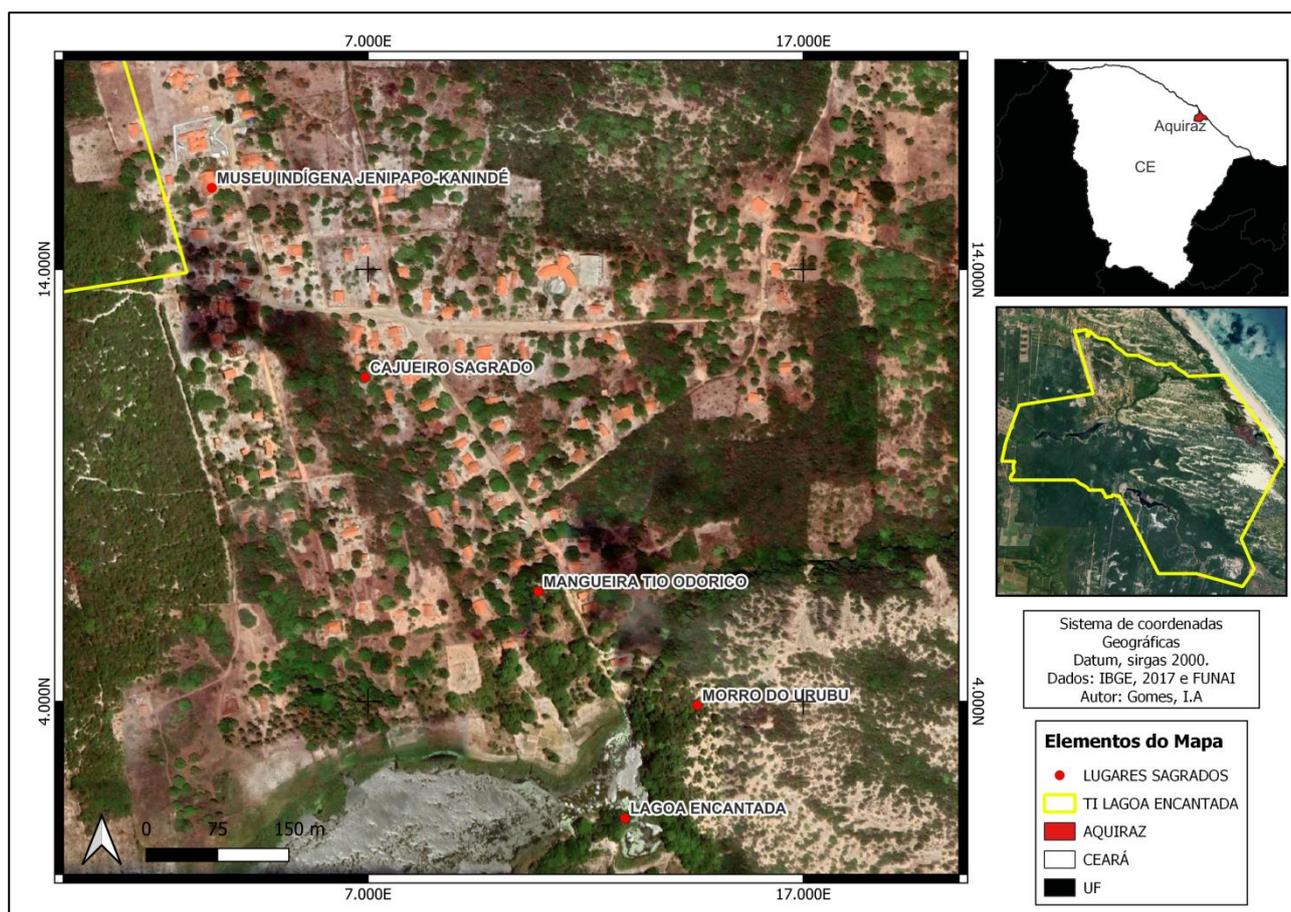
Os lugares guardam memórias sagradas e histórias vividas e interpretadas de diversas formas pela humanidade. Pierre Nora (2004) parte do pressuposto de que a memória está no âmbito do que é natural, orgânico ou até mesmo fisiológico, tornando a memória elo entre as gerações. Os lugares de memória segundo o autor são rastros de memória. Em entrevistas com os mais velhos do povo Jenipapo-Kanindé eles falam que os lugares de memória são espaços de lembranças dos seus antepassados, onde guardam as memórias e espiritualidade sagrada do povo indígena.

Para Nora (2004), os lugares de memória são espaços criados pelo indivíduo contemporâneo diante da crise dos paradigmas modernos, e que como esses espaços se identificam, se unificam e se reconhecem agentes de seu tempo, isto é, a tão desejada volta dos sujeitos (ARÉVALO apud NORA, 2004).

O território faz parte da salvaguarda da comunidade, tornando a memória uma materialidade nos espaços sagrados da aldeia indígena, saindo do âmbito individual de uma família, para a coletividade na comunidade, tendo como objetivo salvaguardar a memória coletiva do povo Jenipapo-Kanindé. Lugares que são respeitados pela comunidade por serem espaços que simbolizam o início da luta histórica e de reconhecimento étnico do povo indígena, como também resultado da luta coletiva da comunidade, usados em rituais e festividades da aldeia.

Segundo Eliade (1956), os espaços sagrados são “aqueles que têm uma experiência religiosa, toda a Natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica” (ELIADE, 1956, p. 13). Com isso, todos os lugares de memória dentro do território indígena Jenipapo-Kanindé são usados como forma de conexão dos indígenas com sua espiritualidade, ancestralidade e cultura. A comunidade considera desde seu território a cosmologia ancestral como um lugar de memória, as Mangueiras do Tio Odorico é um desses lugares de memória, espaço que no tópico seguinte será detalhado.

A memória dos antepassados do povo Jenipapo-Kanindé está enraizada em cada lugar sagrado, na Lagoa Encantada, no Morro do Urubu, nas Mangueiras do Odorico, no Museu Indígena e no Cajueiro sagrado, espaços que protegem os encantos, mitos e fortalece a luta coletiva desse povo (Figura 09). Para Arévalo (2004) “Isso faz parte de sua ideia de que os lugares de memória se configuram essencialmente ao serem espaço onde a ritualização de uma memória-história pode ressuscitar a lembrança, tradicional meio de acesso a esta” (ARÉVALO, 2004, p. 05).



**Figura 09** – Mapa dos Lugares Memória do Povo Jenipapo-Kanindé. TI Lagoa Encantada, Aquiraz, CE. Autor: Iuri Alves Gomes, 2023.

O ato de rememorar fornece para cada ser humano um conjunto de ferramentas que ressignificam o passado em palavras. A memória nos leva ao “caminho inverso ao da morte, não se acomoda a detalhes que a confortam, ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções” (NORA, 1993, p. 09). Os Jenipapo-Kanindé permite-se viver suas memórias em seus lugares sagrados.

A Lagoa Encantada em seus mitos e encantados apresentam essas memórias, local que desde muito antes do reconhecimento étnico do povo Jenipapo-Kanindé, é uma lembrança viva na cabeça da comunidade, algo que sempre esteve ali, Cacique Pequena fala “desde que me entendo por gente

essa lagoa sempre esteve aqui, já estamos em nossa sétima geração e ela sempre nos alimentou, banhou e matou a sede de muitas famílias”. A lagoa encantada (Figura 10) que dá nome à única aldeia do povo indígena, é fonte de subsistência física e espiritual para a comunidade.



**Figura 10** – Vista da Lagoa Encantada. Autor: Núcleo de educadores do MIJK, 2012.

Segundo Saraiva (2001), o povo Jenipapo-Kanindé nutre um sentimento de pertença a um mesmo grupo indígena, decorrente de um sentimento fundamentado em uma ascendência étnica comum, sendo os próprios indígenas pertencentes a essa descendência que alicerçam tal pertença. Noutras palavras, os indígenas que habitavam a lagoa encantada construíram narrativas que ultrapassaram gerações, contribuindo para que os próprios indígenas narrassem sua história.

A Lagoa Encantada corre à beira do Morro do Urubu, que ganhou esse nome por ser morada de uma grande quantidade da ave Urubu, uma duna de 98 metros que fortalece a aldeia com suas belezas exuberantes, espécies nativas de fauna e flora. O morro do urubu (Figura 11) esconde mitos e encantados dessa aldeia. Em relatos Senhor Francisco Alves Filho (Guardião da memória) em uma de suas histórias conta que nas noites de natal a lagoa vira cidade e o morro uma igreja e que descem bolas de fogo do morro e entram na lagoa “eu mesmo nunca vi, o pessoal mais velho daqui que tem essas histórias” (FRANCISCO ALVES FILHO, 83 anos, 2023). A duna se tornou sagrado por memorar as lendas e encantos da aldeia encantada e com isso transmitir força e tranquilidade espiritual para a comunidade.



**Figura 11** – Morro do Urubu. Autor: autorial, 2020.

Para Nora (1993), os lugares de memória são espaços em que os indivíduos se reconhecem como sujeitos. A memória é reflexo da história, é necessário ter memória para se ter a história. O Museu Indígena se tornou real para rememorar a história do povo Jenipapo-Kanindé, um espaço histórico e coletivo. Desde sua criação o MIJK faz a comunidade relembrar atos, ações, lugares, festa e a comunhão coletiva da aldeia. O ato de se enxergar em uma fotografia ou em uma peça faz de cada indígena parte do acervo, a energia se enraíza fortalecendo outros seres que ali pisarem. Desse modo, a história renasce e se fortalece a em cada lugar de memória.

De acordo com Eliade (1956) “o sagrado é o real por excelência, ao mesmo tempo poder, eficiência, fonte de vida e fecundidade” (ELIADE, 1956, p. 21). Para os Jenipapo-Kanindé o Cajueiro Sagrado transmite o sentimento de fonte de vida e fecundidade. O cajueiro sagrado (Figura 12) foi assim batizado no ano de 2017 por Cacique Pequena. Segundo Cacique Pequena:

Eu consagrei com esse nome, porque eu não queria que fosse chamado de terreiro, e como é um espaço próximo da minha casa é mais perto de eu ir fazer minhas rezas, conversar com os ancestrais, a encantaria das águas e das matas e fazer meus ritual, ai eu chamei a aldeia pra se juntar a mim e fazer esse cajueiro como um sagrado pro nosso povo. (CACIQUE PEQUENA, 78 anos, 2023).



**Figura 12** – Cajueiro Sagrado. Autor: Iuri Gomes, 2021.

Como forma de consagrar esse espaço como sagrado para o povo Jenipapo-Kanindé foi decidido realizar uma festa tradicional em comemoração. Dia 04 de novembro de 2017, a comunidade realizou a 1ª Festa do Mocororó<sup>9</sup> (Figura 13 - 14), consagrando o espaço como um lugar de memória e local sagrado. A festa ganhou esse nome por ser realizada no período da safra do caju, sendo o principal ingrediente da bebida Mocororó.



**Figura 13** – Ritual no Cajueiro Sagrado. Autor: Iuri Gomes, 2021.

---

9 **Mocororó** bebida feita do suco do caju azedo, fermentada ao sol. Considerada bebida sagrada dos povos indígenas do Ceará



**Figura 14** – V Festa do Mocaroró no Cajueiro Sagrado. Fonte: Iago Costa, 2022.

Além, das tradicionais festas, a comunidade também utiliza os lugares de memória para realização de reuniões e eventos de cunho convencional. Tendo em vista que são espaços que comportam um quantitativo maior de pessoas. Todavia, a utilização desses espaços fora da ritualística cultural não deslegitima como local sagrado.

#### 4.2.MANGUEIRAS DO TIO ODORICO E ENSINAMENTO DOS ANCIÕES DA ALDEIA LAGOA ENCANTADA

As Mangueiras do Tio Odorico, (Figura 15) nome dado pela comunidade a um terreiro circular roteado por mangueiras que pertencia ao antigo cacique da comunidade, de nome Odorico, carinhosamente chamado pela comunidade de Tio Odorico, Cacique Adorico ou compadre Adorico. Local onde a comunidade reuniu-se para festividades, reuniões e eventos.



**Figura 15** – Mangueiras do Tio Odorico. Autor: Iuri Gomes, 2022.

Para o povo Jenipapo-Kanindé as Mangueiras do Tio Odorico é um dos principais lugares de memória da comunidade, segundo Nora (2004) lugar de memória é um espaço que seja portador de uma aura simbólica, lugar de ritual. Desse modo, se configura as mangueiras do Tio Odorico, espaço consagrado pelo povo Jenipapo-Kanindé por ser um local de conexão com a força ancestral dos antepassados. Sendo um lugar que transmite memórias ritualísticas e espirituais para a comunidade.

As mangueiras foram plantadas pelo Cacique Odorico durante os anos 1960, mas apenas em meados dos anos 1970 que a comunidade começou a utilizá-la. Várias famílias realizavam rodas de conversa ao redor das mangueiras, onde acendiam fogueira, brincavam de caninha verde, bumba meu boi e realizavam contação de histórias. Cacique Adorico sempre foi influenciador da valorização da cultura Jenipapo-Kanindé, o mesmo que convocava a comunidade para as noites de brincadeiras, produzia a letra de várias músicas e era puxador da caninha verde e bumba meu boi.

O Adorico era o puxador das brincadeiras, ele fazia uma fogueira ali nas mangueiras, aí ia eu, o Bodim, a cumadi Pequena, Manel da lindinha, a cumade Ducarmo, Chico do Jorge e mais um bucado de gente, aá ele começava a cantar caninha verde pra nós ouvir, assim nós ia aprendendo as músicas. Aí tinha dia que ele chamava os meninos pequeno pra brincar de boi, montava no capo da vassoura, jogava um lençol na cabeça e começava a brincar. (JOAQUIM ALVES, 81 anos, 2023).

Todavia, com o falecimento do Cacique Odorico o espaço continuou a ser usado pela comunidade. Os primeiros passos para o reconhecimento étnico do povo Jenipapo-Kanindé, as primeiras reuniões com a pastoral indigenista, FUNAI e universitários, aconteceram debaixo das mangueiras (Figura 16). Cacique Pequena conta que:

As mangueiras do Adorico foi aonde começou todo o início da história, da luta, do movimento. É porque já existia muita mangueira, pandeló, jasmim, de espada, mangueira comum mermo. E como tinha essas mangueiras bem grande e ampla, a gente achou que lá era o canto melhor da gente fazer um sagrado. Ter roda de conversa, ter nossos encontros de dançar o toré e tudo isso foi feito pelo Adorico, nessa época ele ainda era vivo, e achou que lá era o melhor canto de ser um sagrado (CACIQUE PEQUENA, 78 anos, 2022).



**Figura 16** – Primeiras reuniões com a FUNAI. Autor: arquivo CDPDH, 1996.

Além disto, com o processo de reconhecimento étnico nos anos 1980 a comunidade começou a ser beneficiada, e as mangueiras serviram como ponto de apoio para os indígenas, sendo utilizada para realizar os primeiros atendimentos á comunidade, as primeiras aulas para as crianças eram realizadas as sombras das mangueiras, com a falta de um espaço maior a comunidade optava por realizar algumas atividades comunitárias no local. Tendo em vista, que na década de 80 só existiam casas de um a dois cômodos feitos de taipa ou de palha na aldeia e que não comportava uma quantidade maior de pessoas como no espaço das mangueiras.

Além de um espaço de rituais e reuniões, as mangueiras também eram o local que a comunidade utilizava para realizar sua principal festa tradicional, que é a Festa do Marco Vivo de Imburana, criada para comemorar a delimitação do território Jenipapo-Kanindé. A primeira festa aconteceu dia 09 de abril de 1999 (Figura 17), data escolhida por ter sido o dia que a terra foi oficialmente delimitada e publicado no diário oficial da união.



**Figura 17** – Festa do Marco Vivo de Imburana. Autor: Arquivo CDPDH, 1999.

As Mangueiras do Tio Odorico foram escolhidas pela comunidade para realizar a festa do Marco Vivo por ser um espaço amplo e um lugar sagrado. Porém, só foi possível ser utilizado pela comunidade até o ano de 2019. Pois, mesmo sendo espaço comunitário e considerado lugar de memória para a comunidade, as mangueiras estão localizadas em um terreno particular, de uma família da aldeia. Desse modo possibilita que a família use de forma individual, contudo, nas redondezas das mangueiras, a família construiu uma pocilga, com isso, o mau cheiro impossibilita qualquer tipo de evento, inclusive festejos.

No entanto, o local continua sendo um espaço sagrado para o povo Jenipapo-Kanindé. Pois, a comunidade se manteve fortalecida enquanto coletivo por meio dos momentos vivenciados no espaço. Vale destacar, que foi o primeiro espaço de vivência e de trocas entre os guardiões da comunidade.

Quando a FUNAI chegou aqui mais a arquidioceses nós parecia aqueles bicho do mato, não tinha letra, não sabia de nada, aí eles queria que a gente se reunisse pra falar com a gente. O único espaço que a gente tinha era as mangueira do Adorico. Nós juntou as 17 famílias que tinha aqui, hoje é essa ruma de gente, mas antigamente era só 17 famílias, ai nós se reunia nas mangueiras e ali conversamos, toda vez que eles vinha nós se reunia lá. As brincadeiras nós sempre fazia lá, quando a educação chegou aqui, que a gente formou 12 professores do magistério indígena, eles deram aula lá nas mangueiras, quando médico vinha, ele atendia lá. Tudo a gente fazia nas mangueiras. (CACIQUE PEQUENA, 78 anos, 2023).

É importante destacar a participação dos guardiões na história coletiva do povo Jenipapo-Kanindé, por serem eles os portadores da memória, transmitindo sua sabedoria e contando as histórias da comunidade através da oralidade, método utilizado pelos povos indígenas para facilitar o aprendizado em coletivo. A oralidade é um dos métodos de ensinamento mais usados pelo povo Jenipapo-Kanindé para repassar sua história.

“Os mais antigos, que são os guardiões de uma memória silenciada porque não-dita. Mantêm os segredos recônditos desses grupos e são protagonistas das narrativas desta descoberta” (GOMES; VIEIRA NETO, 2009, p. 40). A aldeia sempre teve a imagem dos guardiões como exemplo de ensinamento e inspiração na vida e na luta indígena, Raquel Alves, neta da Cacique Pequena destaca a importância da criação recebida pela avó e dos ensinamentos que foram repassados de geração para geração.

Consideramos os guardiões da memória do nosso povo como nossas bibliotecas vivas, cada um tem acervo em suas memórias que em seus ensinamentos rememoram toda história dos nossos antepassados, das manifestações culturais e todo processo de luta vivenciado pelo nosso povo. Deste modo, Cacique Pequena, minha avó e uma de nossas guardiãs, resguardam em sua memória todos os ensinamentos de luta política pelo bem viver da nossa aldeia e também carregam a energia espiritual herdada dos nossos encantados. Em muitos momentos são nos nossos lugares de memória que toda nossa energia ancestral é refletida em nossos rituais. Cabe ressaltar, que hoje eu só sou quem sou graças a sabedoria da vó, que em muitos momentos tem buscado nos repassar todos os seus ensinamentos para que possamos continuar resistindo em prol da preservação da nossa cultura ancestral herdada dos muitos dos nossos que hoje já não estão em entre nós. (RAQUEL ALVES, 24 ANOS, 2023).

Com isso, é importante destacar que, as vivências coletivas são fundamentais na transmissão desses ensinamentos, mas que, o aprendizado no cotidiano fortalece ainda mais o conhecimento já adquirido em coletivo, tornando-o necessário na formação de novas lideranças para o povo Jenipapo-Kanindé. Vale ressaltar, que para os guardiões, a formação escolar das crianças e a inclusão da juventude no movimento estadual e nacional são indispensáveis na construção do conhecimento sobre o movimento indígena do seu povo e de outros povos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo buscou-se apresentar os lugares de memórias e a conexão com o acervo do Museu Indígena Jenipapo-Kanindé, bem como apontar os motivos que fizeram a comunidade Jenipapo-Kanindé compreender esses espaços como sendo sagrados e de memória. Nesse processo, a comunidade não se limitou classificar esses lugares apenas como espaços físicos, também considerou as lembranças que esses espaços trazem, por meio de histórias e memórias dos antepassados da aldeia indígena.

Deste modo, transcrever esta memória faz parte de um importante e considerável passo para discussão na museologia a respeito de como o museu é representado em territórios indígenas. Apresentar o conceito de museus de territórios nos levou a refletir sobre uma nova abordagem epistemológica acerca da memória museal para além de uma estrutura física estática, representada por um acervo composto por fotografias, objetos entre outros. Este trabalho considerou sobretudo espaços que resguardam memórias que, embora antigas, permanecem vivas seja nos lugares de memórias, seja na memória coletiva que tem como representantes os guardiões.

Este trabalho abriu ainda mais perspectivas para o desenvolvimento de experiências museológicas sobre o povo Jenipapo-Kanindé. O mais interessante tem sido pensar em uma perspectiva cosmológica da etnomuseologia que retrata a diversidade de conhecimentos abordados pelos museus indígenas, no que se refere à salvaguarda da memória. Assim, pensando nos lugares de memória como parte dos conhecimentos, possibilitando o reconhecimento de novas formas de atuar no museu, de tornar possível pensar os espaços externos como suas extensões.

Por essa razão, é importante considerar a forma como os territórios indígenas têm trabalhado a museologia nas suas esferas culturais e específicas. Trata-se de uma abordagem que representa a forma como o povo entende como são suas memórias e como devem ser resguardadas e preservadas.

Para fortalecer o saber e o modo de fazer do povo Jenipapo-Kanindé, povo ao qual pertencço, busquei dar espaço por meio desta escrita para que os mestres e doutores da mata, que no caso são os nossos guardiões, pudessem trazer suas memórias historicamente resguardadas em cada lugar sagrado existente neste território.

Neste sentido, cabe ressaltar que as narrativas apresentadas representam o protagonismo das lideranças mais velhas que ergueram a luta étnica do nosso povo e que ao longo dos anos tem buscado utilizar-se de seus conhecimentos para organizar outros espaços políticos de reivindicações étnicas, como os museus indígenas, para fortalecer a luta. As histórias que antes viviam apenas na memória dos guardiões, hoje, estão resguardadas no museu que é liderado pelos próprios indígenas. E

podem ser revividas pela própria comunidade nos lugares de memória que guardam a história vivenciada por meio de ritos, cantos, banhos e encantos.

Contudo, a atribuição de pensar na participação efetiva das lideranças, sobretudo, mais velhas na formação da montagem de um acervo e na estrutura como o museu vai ser representado dentro do território através do repasse de seus saberes proporcionando uma conexão do museu com as marcas históricas do povo, considera-se um processo de ressignificar a concepção analítica de trabalhar a museologia nos territórios indígenas, dando lugar a novas articulações que atribuam a valorização dos saberes dos anciões para museologia presente.

## 6. REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ticiane de Oliveira. A emergência política e cultura do grupo indígena Jenipapo-Kanindé e suas relações com as políticas públicas. In: Jornada Internacional de políticas públicas questão social e desenvolvimento no século XXI, 3., 2007, São Luís/MA. **Anais [...]**. São Luís/MA: UFMA, 2007.
- ANTUNES, T. O. **Construção Étnica e Políticas Públicas: mobilização, política e cultura dos índios Jenipapo-Kanindé do Ceará**. 2008. 131 f. Dissertação (Mestrado) Pós-Graduação em Políticas Públicas e Sociedade, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2008.
- ARÉVALO, Marcia C.M. Lugares de memória ou a prática de preservar o invisível através do concreto. In: Encontro Memorial do Instituto de Ciências humanas e Sociais, 1, 2004, Mariana/MG. **Anais [...]**. Mariana/MG: ICHS/UFOP. 9-12 nov. 2004.
- BEZERRA, Roselane Gomes. **O despertar de uma etnia: o jogo do (re)conhecimento da identidade indígena Jenipapo-Kanindé**. 1999. 182p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1999.
- BONNEMAISON, J. **Viagem em torno do território**. In: CORRÊA, R. L.; ROZENTHAL, Z (Orgs.) **Geografia Cultural: um século** (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. p. 83-131.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade lembranças de velho**. v. 1, ed. T.A Queiroz. São Paulo: Tao. 1979.
- BRASIL, Decreto nº 1.775, 8 jan. 1996. Altera o art. 231 do Decreto – Lei nº 6.001, 19 dez. 1973. [...] como sendo tradicionalmente ocupada pelo grupo indígena Jenipapo-Kanindé. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília/DF, nº 39, p. 76, 24 fev. 2011.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução Rogério Fernandes. v. 1, ed. Livraria Martins Fontes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FREITAS, Thaynara Martins. **Um olhar sobre o Museu Indígena Jenipapo-Kanindé: território, etnicidade e patrimônio**. 2015. 103p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.
- FREITAS, Thaynara Martins. **De Cabeludos da encantada a Jenipapo-Kanindé: processo de emergência e organização étnica**. João Pessoa, v. 1, n. 10, p. 243-274, jan./jun. 2020.
- GALLOIS, D. T. **Terras ocupadas Territórios? Territorialidades?** In: RICARDO, F. (Org.) **Terras Indígenas e Unidades de Conservação da Natureza: o desafio das sobreposições**. Brasília: Instituto Socioambiental, 2004. p. 37-41.
- GOMES, Alexandre Oliveira. **Museus e Memória Indígena no Ceará: uma proposta em construção**. Alexandre Oliveira Gomes e João Paulo Vieira Neto. - Fortaleza: SECULT, 2009.
- GOMES, Alexandre Oliveira. **Museus indígenas, mobilizações étnicas e cosmopolíticas da memória: um estudo antropológico**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Recife, 2019.
- KOLLING, Patricia. Reflexões sobre território e terra indígena: aspectos culturais, sociais e jurídicos. **Revista ParaOnde!?**, Porto Alegre, v.12, n.1, p.211-226, 2019.

NERY JÚNIOR, Nelson; NERY, Rosa Maria Barreto Borriello de Andrade. **Capítulo VIII. Dos Índios**. In: Constituição Federal comentada. São Paulo/SP: Editora Revista dos Tribunais. 2019. Disponível em: <https://thomsonreuters.jusbrasil.com.br>. Acesso em 15 mar. 2023.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: A problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. Projeto História. São Paulo: PUC-SP. N° 10, p. 12. 1993.

SOUSA, Carlos Kleber Saraiva de. **Identidade, cultura e interesse**: A Territorialidade dos Índios Jenipapo-Kanindé do Ceará. Dissertação de Mestrado/UFC, Fortaleza – CE, 2001.

VARINE, Hugues. O museu comunitário como processo continuado. **Cadernos do CEOM/Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina**. Vol. 1, n.41. an./jul. 1986. Chapecó: Unochapecó, 1986.

### **CONVERSAS ORAIS:**

ALVES FILHO, Francisco. Guardiã da memória. Lagoa Encantada, 2023.

ALVES, Heraldo. Coordenador do MIJK. Lagoa Encantada, 2022.

ALVES, Joaquim. Guardiã da memória. Lagoa Encantada, 2023.

ALVES, Maria de Lourdes da Conceição. Guardiã da memória, Cacique. Lagoa Encantada, 2022.

ALVES, Raquel da Silva. Liderança Jovem. Lagoa Encantada, 2023.